

PROFESSORES PENSAM – E FAZEM – A DIFERENÇA

TEACHERS THINK ABOUT – AND MAKE – A DIFFERENCE

MAÎTRES PENSENT – ET FONT – LA DIFFÉRENCE

PROFESORES PIENSAN – Y HACEN – LA DIFERENCIA

Sônia da Cunha Urt*
Maria Alice Alves da Motta**

RESUMO

Este artigo é um relato de pesquisa cujo objetivo é evidenciar as concepções de professores sobre a diferença, como percebem a relação entre as diferenças e a escola, e como lidam com essas diferenças. Os professores responderam à questão: O que você pensa acerca das diferenças e como lida com elas? Para o estudo das respostas foi utilizada a análise de conteúdo. O referencial teórico adotado para pensar a diferença foi a abordagem histórico-cultural da Psicologia, cuja concepção de sujeito se configura pela apropriação da cultura no processo educativo. Para esses professores, a diferença está relacionada a questões raciais, físicas, econômicas, sociais, culturais e diferenças em ritmos de aprendizagem. A categoria “Respeito” foi a atitude mais citada como forma de lidar com as diferenças. A presença de respostas contraditórias parece indicar uma visão cristalizada acerca da diferença ou um nível incipiente de reflexão sobre o assunto.

Palavras-chave: Diferença. Professores. Prática pedagógica. Concepções.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1992). Pós-Doutora pela Unicamp (2002), Universidade de Lisboa – Portugal (2003) e Universidad de Alcalá – España (2003). Professora Associada I da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Humanas, PPGEduc – Campo Grande – MS (surt@terra.com.br).

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFMS) – Campo Grande – MS (aliceam@uol.com.br).

INTRODUÇÃO

Esta investigação é parte integrante de uma pesquisa mais ampla denominada *Aprendizagem em Professores: concepções e práticas*, cujo objetivo é verificar representações de professores sobre temáticas diversas e aspectos referentes à prática pedagógica e à trajetória de vida dos professores. Neste texto buscar-se-á evidenciar as concepções de professores sobre diferença, como percebem a relação entre as diferenças e a escola, assim como a forma como esses professores lidam com as diferenças.

Uma das formas de se chegar às concepções que os professores têm sobre sua prática é a análise de suas concepções e representações. A representação é a forma como interpreta e se percebe o cotidiano, as pessoas, as situações, os acontecimentos, a qual nos permite dar sentido à vida através de um sistema de referência. As representações são, portanto, condicionadas pelas condições sócio-estruturais e históricas em que se vive.

Diferentes são os outros...

Num mundo pautado pela padronização e pela tendência à homogeneização do ser humano, o debate sobre a diferença torna-se relevante e necessário para que se possa aprender a conviver com as diferenças – nossas e dos outros. Quando se pensa em diferença, o usual é colocar a si mesmo como padrão: uma atitude espontânea de partir daquilo que é conhecido e familiar, mas que pode implicar uma visão preconceituosa sobre o outro.

O próprio termo “diferença” vem sendo relacionado às temáticas vinculadas à Educação Especial, como sinônimo de deficiência. Não é essa conotação que se busca aqui. Para auxiliar a elucidar a concepção de diferença que aqui se propõe, uma reflexão de Candau (2005) pode contribuir. Para a autora, diferença não se contrapõe a igualdade, mas a uniformidade e padronização, enquanto igualdade contrapõe-se a desigualdade. No entanto, não se pode desconsiderar que, muitas vezes, o fato de ser diferente condiciona uma espécie de desigualdade provocada pela discriminação.

Pensar a diferença nos remete à questão da constituição do sujeito, do processo de como cada ser humano torna-se singular. Para Smolka, Góes e Pino (1998), a questão da constituição do sujeito é uma discussão recorrente em Psicologia. Os autores discutem algumas concepções sobre como se dá o processo de formação social do indivíduo, pontuando que algumas abordagens privilegiam o papel das relações externas ou minimizam esse aspecto. Pode-se considerar, assim, que a dicotomia interno/externo permanece, mesmo aceitando a gênese social da constituição do sujeito. Para os autores, as reflexões de Vigotski, Mikhail Bakhtin e Henri Wallon trazem contribuições importantes para a questão da constituição do sujeito quando evidenciam o papel do *outro* (princípio de alteridade) nessa constituição através da mediação do signo, que, devido a sua polissemia, possibilita a atribuição de diferentes *sentidos*. No entanto, apontam que a questão permanece em aberto, devido à necessidade de articular os diferentes elementos para conceituar a constituição do sujeito de forma mais aprofundada. Em relação ao papel do outro, Skliar (2003) ressalta que, se não

houvesse o outro, a diferença, não haveria relação nem vida, mas *mesmidade*. Segundo o autor, as diferenças no âmbito da escola sempre foram consideradas um problema:

O outro da educação sempre foi um outro que deveria ser anulado, apagado. Mas as atuais reformas pedagógicas parecem já não suportar o abandono, a distância, o descontrole. E se dirigem à captura maciça de outro para que a escola fique ainda mais satisfeita com a sua missão de possuir tudo dentro de seu próprio ventre (SKLIAR, 2003, p. 27).

Considera-se que a forma como o professor pensa as diferenças relaciona-se à forma como percebe o processo de aprendizagem e tem influência em sua ação pedagógica (REGO, 1995). Nesse sentido, é importante levá-los a pensarem em suas próprias concepções a fim de repensarem sua prática, especialmente em cursos que recebem professores que já atuam em sala de aula – muitas vezes esse aspecto é desconsiderado, desprezando assim, a experiência prévia do professor.

Rego (1995) desenvolveu pesquisa objetivando analisar como educadores concebem a origem das diferenças individuais. Concluiu que há um grupo (14%) que explica essa singularidade através de aspectos internos do ser humano, respostas que podem ser entendidas como de tendência inatista; outro grupo (cerca de 20%) atribui responsabilidade ao meio, que irá modelar o sujeito. Tais concepções podem ser compreendidas como ambientalistas. A maioria dos educadores (50%) atribui a origem das características individuais a fatores internos e externos, concepções que se alinham com a abordagem interacionista. No entanto, segundo a autora, não se pode considerar que tais respostas tenham como base uma concepção genuinamente interacionista, pois os fatores internos e externos são pensados pelos educadores pesquisados em termos de justaposição ou somatória, e não em uma relação dialética. Salienta que, na verdade, os educadores concebem o ser humano como duplamente determinado por aspectos inatos e adquiridos. Para a autora, o fato de os professores da pesquisa não pensarem o ser humano em sua complexidade tira a responsabilidade da escola como um dos espaços em que o sujeito se constitui. A investigação revelou, ainda, que a discussão sobre a constituição do sujeito não era familiar aos professores.

Contribuição importante para discutir a questão da diferença é proporcionada a partir das elaborações de Fernando González Rey sobre subjetividade. Autor de diversos livros e artigos em espanhol, inglês, russo e português, González Rey vem, há mais de 20 anos, desenvolvendo estudos sobre a temática ‘subjetividade’ na perspectiva histórico-cultural. Para ele, a questão da subjetividade não é diretamente abordada pela psicologia histórico-cultural de Vigotski, mas pode ser apreendida de seus estudos. Para o autor, as teorizações de Vigotski sobre vivência, situação social do desenvolvimento e sujeito foram desprezadas por aqueles que se diziam continuadores de suas idéias, uma atitude coerente com as exigências daquele período de implantação do socialismo na Rússia. Assim, a teoria da atividade de Leontiev ocupa um espaço que corresponde às necessidades de controle do comportamento, mantendo semelhanças com o condutismo, por seu caráter objetivista. Para o autor, Leontiev nega o caráter ativo do sujeito, ao atribuir à atividade um papel preponderante na formação da subjetividade (GONZÁLEZ REY, 1999; 2003).

Ele aponta que, por muito tempo, a Psicologia recusou-se a refletir sobre seu objeto, escondendo-se em conceitos e terminologias; é essencial que a Psicologia coloque seu foco no sujeito.

A subjetividade representa uma dimensão ontológica para a definição do psíquico, que nos permite a representação dos processos que o constituem, de sua especificidade, pois durante muito tempo a psicologia vem evitando o compromisso da definição de seu objeto (GONZÁLEZ REY, 1999, p. 107).

O autor salienta que, ao estudar a subjetividade, coloca-se de forma indivisível a relação entre indivíduo e sociedade como momentos da constituição do sujeito, rompendo com dicotomias muito presentes no pensamento psicológico, como social e individual, interno e externo, consciente e inconsciente, cognitivo e afetivo. Segundo ele, o desenvolvimento de uma teoria de personalidade centrada na constituição subjetiva só é possível a partir de uma base sócio-histórica (GONZÁLEZ REY, 1998).

A idéia de sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 224).

Retoma, assim, o caráter dialético da constituição do sujeito cujas ações alimentam sua subjetividade e os processos que o constituem. Discutir os conceitos de subjetividade e sujeito, para ele, remete à questão do caráter subjetivo da aprendizagem humana e da escola como espaço de constituição da subjetividade social, pois o sujeito se constitui em relação. Colocar-se-ia, assim, a relação entre Psicologia e Educação sob novo enfoque, a partir da consideração de que o sujeito se constitui também nas relações complexas que têm lugar no espaço escolar.

Considera que a subjetividade se forma a partir dos processos de significação e sentido que se organizam no sujeito e na personalidade em articulação com os espaços sociais em que o sujeito vive, não estando limitada apenas ao racional. A cultura na qual o sujeito está inserido, caracterizada por formas de relações sociais, faz que o homem produza sentidos e saia do âmbito da simples satisfação de necessidades para a esfera das motivações. Segundo o autor, “a necessidade se culturaliza no processo de subjetivação” (GONZÁLEZ REY, 1999, p. 109). O autor aponta que

... trata-se de compreender que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura dentro da qual se constitui o sujeito individual, e da qual também é constituinte, representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade. Temos que substituir a visão mecanicista de ver a cultura, sujeito e subjetividade como fenômenos diferentes que se relacionam, para passar a vê-los como fenômenos que, sem serem idênticos, se integram como momentos qualitativos da ecologia humana em uma relação de recursividade (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 78).

A subjetividade é pensada por González Rey não como uma categoria individual, mas como organização, no âmbito do sujeito e de sua personalidade, dos processos de

sentido e significação que existem nos espaços em que o sujeito vive. O social é concebido não como simples espaço objetivo, mas como uma realidade processual que também é subjetivamente constituída. Nesse sentido, toda subjetividade é social. González Rey assim apresenta o conceito de subjetividade social:

... ao entrar na vida social, a pessoa se vai transformando em sujeito; no entanto, sua integração nesse espaço é diferenciada até pela própria socialização de suas diferenças individuais, que passam a constituir-se como elementos de sentido na organização dos sistemas de relação social que acompanham o desenvolvimento humano (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 205).

Portanto, longe de ser algo inato ao sujeito, a diferença, compreendida como singularidade, é elaborada a partir do sentido pessoal que cada indivíduo vivencia nas relações sociais. A relação é dialética; assim, há uma intenção de romper com dicotomias entre fatores internos e externos, individuais e sociais.

MÉTODO

Essa investigação foi realizada junto a professores do Curso de Pedagogia do Programa Interinstitucional de formação de professores em serviço da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Foram aplicados questionários a 67 professores que cursavam a disciplina Prática e Pesquisa Pedagógica II. O instrumento continha questões relativas a aspectos diversos da prática docente, sua trajetória escolar e profissional e questões envolvendo a diferença e a escola. O objeto deste estudo são as concepções dos professores sobre a diferença e forma como lidam com as diferenças na escola, através da análise das respostas obtidas para a pergunta: *O que pensa acerca das diferenças e como lida com elas?* Para a organização dos dados e posterior discussão foi utilizada a análise de conteúdo.

ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Quem são os professores?

Os sujeitos da pesquisa foram 67 professores do Curso de Pedagogia do Programa Interinstitucional de formação de professores em serviço, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul. Os participantes da pesquisa atuavam como professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. O grupo era composto por 15% de homens e 85% de mulheres. A faixa etária de 20 a 30 anos correspondia a 37,3% dos professores; o mesmo percentual tinha entre 31 a 40 anos à época da pesquisa e 25,4% contava com mais de 41 anos. Em relação à formação, 83,6% haviam cursado magistério; o restante distribuiu-se entre o antigo científico, contabilidade e o atual ensino médio. Quanto ao tempo de serviço, 22,4% dos entrevistados tinham até cinco anos de magistério; 37,3% tinham entre seis e dez anos de atuação; 16,4%, entre onze e quinze anos; 9% tinham entre 16 e 21 anos de profissão e 12% estavam lecionando há mais de 22 anos. 3% dos entrevistados não responderam esta questão.

A grande maioria dos professores (79,2%) atuava nas séries iniciais do Ensino Fundamental; 10,4% trabalhava com a Educação Infantil e a mesma porcentagem não respondeu para qual nível lecionava.

Em relação à situação funcional, 73% são efetivos da rede pública de ensino e 16,4% são contratados; o restante (10,6%) não respondeu. Quanto ao local de trabalho, 41,7% trabalham em escolas municipais na cidade em que residem, 28,3% dos professores atuam em escolas municipais indígenas (dos que trabalham nas escolas indígenas, 84% são efetivos), 7,5% trabalham em centros de educação infantil, 16,5% não informaram o local onde lecionavam. Apenas 3% atuavam em escolas da rede estadual e outros 3% em escolas municipais rurais.

O que pensam os professores sobre as diferenças?

Conforme foi descrito, o instrumento consistia em um questionário no qual o professor deveria responder o que pensa acerca das diferenças e como lida com elas. Foi obtido um total de 90 respostas, registradas a partir das respostas explicitadas, não do número de sujeitos.

A idéia de que as diferenças fazem parte da sociedade ou de qualquer grupo foram evidenciadas em 19 respostas: “Penso que as diferenças fazem parte da vida de todo ser humano seja ela qual for” (professor 14); e como sendo algo comum aos seres humanos: “Independente de qualquer coisa, todos somos diferentes” (professor 29) ou ainda: “Todos nós somos diferentes, levando essa diferença sócio-cultural e econômica para a escola” (professor 4).

Foram obtidas 18 respostas que relacionam diferença a características étnico-raciais e físicas, como as seguintes: “Vivemos num país de mestiços, portanto, esta é uma visão a mais, das necessidades do reconhecimento e valorização destas diferenças” (professor 38). “Devo explicar aos meus alunos que as diferenças culturais são resultado da interculturalidade, da grande miscigenação da raça” (professor 45). Tais professores, portanto, percebem a cultura como um elemento relacionado a determinadas características físicas e de etnia, que seriam responsáveis pelas diferenças entre as pessoas.

Foram evidenciadas 12 respostas referentes à condição sócio-econômica como sendo origem da diferença: “Sei também que as diferenças econômicas podem interferir significativamente nas oportunidades de cada pessoa, assim como nas relações sociais e na qualidade de vida, assim, esta é uma diferença que provoca profundas e desumanas desigualdades entre as pessoas” (professor 37). Nessa perspectiva, os educadores percebem diferença como sendo desigualdade.

Onze respostas relacionavam a diferença a questões culturais: “A escola é indígena e oferece oportunidades aos alunos de conhecer a cultura e a pluralidade e as diferenças existentes valorizando e respeitando a cultura de cada grupo que constituem a nossa sociedade, procurando superar as discriminações e preconceitos” (professor 23). Ou ainda: “Acredito nesta pluralidade e respeito porque creio que possa haver melhor aprendizado entre as pessoas de diferentes culturas” (professor 32).

A diferença relacionada especificamente a aspectos de aprendizagem ou deficiência foi citada em oito respostas: “Quando falamos em ‘diferenças’ é muito difícil de se lidar, principalmente quando alguns alunos são mais inteligentes que outros, geralmente deixamos os mais fracos de lado..” (professor 35). Para esses professores, portanto, quando se fala em diferença na escola, na verdade se pensa em níveis de inteligência ou capacidade para aprender. Mesmo a diferença aparece homogeneizada.

Fizeram menção a fatores individuais, psicológicos e de personalidade sete docentes, como se constata em relatos como este: “[...] cada um de nós temos uma personalidade diferente uns dos outros” (professor 43). “Penso que as diferenças são necessárias já que vivemos em sociedade, até porque são características individuais de cada ser humano. Cada um de nós possui características próprias, por isso nos diferenciamos uns dos outros” (professor 27). Nas respostas desses educadores, evidencia-se a percepção de si mesmo como sendo a expressão da diferença para o outro. Entre os professores que se percebem como diferentes, temos os relatos seguintes: “[...] eu como educadora lido com elas de forma natural por estar inserida nestas diferenças” (professor 59).

A negação da diferença ficou explícita em seis relatos: “Para mim não existem diferenças, pois lido com ela da mesma forma que encontra com qualquer um. Procuo valorizar o máximo que puder com essas diferenças” (professor 40). E este: “Penso que não há diferenças, trato da mesma maneira, ser diferente é normal” (professor 24). É possível que, quando esse professores pensam na questão diferença, tenham uma concepção que carrega uma conotação negativa, mais próxima da noção de desigualdade, pois é como se a diferença precisasse ser ignorada.

A questão de diferenças vinculadas a opção religiosa e crenças foi abordada em três respostas; a questão de valores e costumes foi mencionada em duas referências.

Em dois depoimentos há concepções de diferença como uma complexidade de fatores (étnico-raciais, culturais, econômico-sociais, religiosos, características físicas, sexuais, valores e expressões de personalidade):

As diferenças fazem parte da vida escolar e como professores devemos saber lidar com estas diferenças. Na sala de aula encontramos diferenças sociais, culturais e raciais, além de diferenças de personalidade e até mesmo diferença no aprendizado; uns são mais lentos, outros mais rápidos, uns são calmos outros inquietos. Dentro do possível procuro respeitar e fazê-los respeitados. Procuo dar limites aos que precisam e desafio aos que necessitam (professor 11).

É importante ressaltar que, em outros relatos, apesar de o professor não trazer explicitamente que há uma multiplicidade de aspectos envolvidos na questão da diferença, mencionou mais de duas características envolvidas na temática. Entre os docentes que se centraram em apenas um aspecto, a maioria citou a questão racial.

Para dois professores, a diferença não está em si, mas no outro: “Sou brasileiro, conheço bem as pessoas que estão em dificuldade familiar social econômico, para lidar *com esse tipo de pessoa* precisa ter coragem, interagir, subsidiar e intermediar o aluno” (professor 1 – grifo nosso); “Respeito muitos as pessoas, mas às vezes fico constrangida e não sei como lidar com essas pessoas” (professor 29 – grifo nosso).

Quando esses professores se expressam dessa forma, “*lidar com essas pessoas*”, estão pensando a questão da diferença como sendo algo externo a si próprios, ou como características que se diferenciam de um padrão que representa a normalidade ou o que seja correto e adequado. Além disso, quando a professora afirma ficar *constrangida*, remete a um sentimento de mal-estar. Da mesma forma, quando o professor diz acreditar que é preciso *coragem* para lidar com as diferenças, como se fosse algo que implica uma dificuldade acentuada. Essa tonalidade afetiva das respostas levou-nos a procurar identificar de que forma a diferença era considerada pelo professor, o que será abordado no próximo item.

As concepções dos professores acerca das diferenças podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Tabela 1 – Concepções dos professores

Respostas	N
Faz parte de qualquer grupo / comum aos seres humanos	19
Relacionada a características étnico-raciais ou físicas	18
Tem origem sócio-econômica	12
Relativa à cultura	11
Relativa à aprendizagem ou deficiência (mental)	8
Fatores individuais, psicológicos e de personalidade	7
Negação da diferença	6
Opção religiosa e crenças	3
Valores e costumes	2
Diferença como complexidade de fatores	2
Diferença está no outro	2
Total de respostas	90

Conforme foi mencionado, a partir das colocações dos professores, foi possível identificar, a partir das concepções dos docentes, a forma de consideração atribuída à questão da diferença.

Como os professores consideram as diferenças?

Entre as respostas, foi possível depreender se a questão da diferença é considerada positiva ou negativamente. Foram encontradas 20 respostas que apresentam a diferença como algo que dá sentido à vida, como enriquecimento das relações entre os homens e também como fator que faz o professor repensar sua prática: “A diferença, a pluralidade enriquecem a convivência humana” (professor 37); “As diferenças existem, são próprias do ser humano, procuro mostrar aos alunos o respeito e a valorização de cada ser; mas existem crianças que apresentam certas dificuldades, o que nos faz repensar

sobre nossa prática” (professor 54). Cinco professores afirmaram que a diferença é o que contribui para formação do sujeito e do professor: “Penso que as diferenças contribuem culturalmente para a construção do sujeito (professor 17). Dessa forma, para tais docentes, o fato de cada ser humano ser singular é o que dá sabor aos relacionamentos, proporciona crescimento através da reflexão e da percepção das diferenças: “Elas nos ajudam a crescer, questionar, analisar e refletir sobre as mesmas. Pois elas fazem parte do nosso cotidiano, sendo necessárias na formação da sociedade” (professor 8).

Entre as formas de se pensar as diferenças em sua relação com a escola, nove professores colocam a questão como sendo um tema difícil que implica obstáculo ou empecilho: “Quanto à diferença acho muito difícil de questionar, pois a criança já chega na escola com a mente já com alguma diferença; aprende muitas vezes em casa ouvindo as pessoas sobre este assunto” (professor 12); “Acerca das diferenças, como lidar com elas, é muito complicado; temos que ter muita habilidade para explicar para os alunos” (professor 34). Ao contrário daqueles educadores que vêem na diferença uma oportunidade de crescimento, esses refletem certo receio em relação à temática: “A escola muitas das vezes inter-relacionando essas diferenças [cuidando] para que não interfiram no processo de desenvolvimento do indivíduo” (professor 3); “Evitando que as diferenças causem danos em nossos alunos, e também estar preparando-os para viver numa sociedade como um cidadão crítico, pensante, e menos sofrido” (professor 57). “As diferenças existem e são evidentes e não poderia ser diferente. Não podemos ignorar, elas interferem nas relações diárias entre todos na escola [...]” (professor 66). Nesses relatos, pode-se depreender que a diferença é retratada com conotação negativa, como se “interferissem no processo de desenvolvimento”.

A tabela a seguir traz as respostas de acordo com sua aceção:

Tabela 2 – Conotações atribuídas à Diferença

Conotação	Respostas	N
Positiva	Enriquecimento das relações humanas	20
	Contribuem para a formação do sujeito	5
Negativa	Tema difícil/empecilho para a aprendizagem	9
Total		34

Assim, foi obtido um total de 25 respostas cuja percepção sobre a diferença traz aspectos positivos, sendo menor o número de referências a questões negativas.

Como lidar com as diferenças?

Em relação à forma como lidar com as diferenças na sala de aula foram obtidas 86 respostas.

A maioria dos professores afirmou que as diferenças devem ser respeitadas, que se deve procurar estabelecer um ambiente de compreensão. Houve 31 respostas em que se manifestava que o respeito é a melhor atitude e forma de lidar com as diferenças.

Em 16 respostas os docentes afirmaram trabalhar “de forma normal”, “natural”, o que sugere que as diferenças não são discutidas ou evidenciadas. Um professor atentou para esse risco, salientando que “As diferenças são encaradas com naturalidade, porém não ignoradas” (professor 64).

Outros educadores (13 respostas) colocaram a importância de conscientização e discussão sobre o assunto e explicação das origens dessas diferenças. Os docentes também evidenciaram que a questão da diferença pode ser utilizada para enriquecer as aulas: “Aqueles diferenças relacionadas a cultura, crença e raças devemos explorá-las de forma a enriquecer nosso conhecimento” (professor 3).

Discutir o tema e conscientizar os alunos foi uma preocupação evidenciada em 12 respostas. Em nove respostas os professores trouxeram à tona a questão do preconceito, afirmando que, na forma de trabalhar, deve-se estar atento a esse ponto. “Por isso, devemos agir forma agradável, sem que não haja nenhum tipo de preconceito contra as diferenças” (professor 65).

Em outras nove respostas foi mencionada a necessidade de se reconhecerem e valorizarem as diferenças. Houve seis menções à necessidade de explicar, compreender e explorar a temática. Em cinco respostas os docentes mencionaram a necessidade de integração entre os alunos.

Em três respostas ficou explícito que a questão da diferença (e sua presença na escola) é concebida exclusivamente em relação à aprendizagem. Um professor explicitou assim sua maneira de trabalhar com as diferenças:

Em sua maioria após sondagem eu consigo lidar bem, só que este ano com seis alunos não consegui ainda descobrir uma maneira adequada de lidar com esses alunos, apesar de não terem aparentemente nenhuma deficiência, são crianças que apresentam dificuldades fora do normal (professor 28).

Para esse professor, a questão da singularidade se encerra nas questões de aprendizagem, sendo trabalhadas após sondagem de conteúdos.

Dois professores mencionaram os temas transversais como sendo uma oportunidade para tratar do assunto. “[...] nosso papel é trabalharmos com ela [a diferença] de uma forma que nossos alunos se conscientizem através das disciplinas e dos temas transversais” (professor 39). “Os temas transversais inseridos nas disciplinas são uma das maneiras mais adequadas para que se desenvolva tal conscientização” (professor 27).

Houve apenas uma resposta na qual o educador afirma buscar outras referências: “procuro trabalhar atendendo as especificidades de cada um, buscando orientação em

teóricos e/ou pessoas especializadas no assunto” (professor 66). Assim, manifesta que não há respostas prontas, mas que sua ação como professor vai se fazendo à medida que as dificuldades se apresentam e, quando isso acontece, busca outros recursos que não o senso comum.

Uma professora expressou com clareza sua dificuldade em lidar com as diferenças:

Independente de qualquer coisa, todos somos diferentes. E lidar com a diferença não é nada fácil. Respeito muito as pessoas, mas às vezes fico constrangida e não sei como lidar com essas pessoas (professor 29).

Quando o professor diz que sente constrangimento está reconhecendo que a questão de ser diferente é aceita com dificuldade numa sociedade que prima pela homogeneização e padronização.

Apresentamos na tabela as respostas obtidas sobre a melhor forma para se lidar com as diferenças na escola:

Tabela 3 – Como lidar com as diferenças

Respostas	N
Devem ser respeitadas	31
Encaradas de forma “natural”	17
Conscientizar e discutir	12
Debater a questão do preconceito	9
Reconhecer e valorizar as diferenças	9
Explicar sua origem	6
Integrar os alunos	5
Fazer sondagem para detectá-las	3
Atender às especificidades	2
Abordar como Temas Transversais	2
Buscar orientação teórica	1
Não sabe	1
Total de respostas	98

Encontra-se, portanto, um número expressivo de docentes mobilizados para a questão, de acordo com as respostas apresentadas.

COMENTÁRIOS E DISCUSSÃO

Em muitas respostas (39 no total) foi possível encontrar a idéia de que as diferenças são próprias do ser humano e enriquecem a convivência:

Se não houvesse as diferenças, não haveria sentido a vida, pois as diferenças fazem parte de nossa vida e principalmente do país, e elas devem ser respeitadas (professor 26).

Durante as minhas aulas sempre procuro discutir bastante referente a esta questão; faço explicação que todos nós temos que ser diferentes; imagine, se todos fossem iguais não haveria sentido na vida (professor 67).

Essa concepção se aproxima do que nos traz Skliar (2003), pois os professores manifestam certa consciência de que a ausência de diferenças implica *mesmidade*. O termo cunhado pelo autor é interessante para que não se confunda com *igualdade*, cujo sentido remete ao seu oposto, a desigualdade. Assim, esses professores percebem as diferenças como um valor a ser respeitado (31 respostas) e que pode contribuir inclusive em sua constituição como professores:

As diferenças existem, são próprias do ser humano; procuro mostrar aos alunos o respeito e a valorização de cada ser, mas existem crianças que apresentam certas dificuldades, o que nos faz repensar sobre nossa prática (professor 54).

Os professores que se manifestaram dessa forma vêem na convivência (ou confronto?) com a diferença uma oportunidade para repensar sua forma de trabalhar. Da mesma forma, em 27 respostas os professores colocaram a importância de as diferenças serem reconhecidas, valorizadas e discutidas, demonstrando uma percepção mais positiva sobre a questão.

Retomando a questão da igualdade, um número significativo de respostas relacionava a diferença a questões sociais e econômicas, apontando para uma concepção de diferença que se aproxima de desigualdade. A partir das reflexões propostas por Patto (2005), é necessário se pensar no lugar possível para a escola em uma sociedade de classes. É necessário se pensar qual o lugar do aluno que não tem condições de adquirir o que a escola solicita ou cujos pais não têm disponibilidade ou possibilidade de acompanhá-lo em suas tarefas.

Respostas que evidenciaram questões raciais, étnicas e físicas também ocorreram em número expressivo (18 no total). Em cinco respostas esse foi o único aspecto citado, revelando pouca reflexão sobre o tema. Seis respostas foram de professores que lecionam em escolas indígenas, o que pode indicar uma forma padronizada de se pensarem as diferenças, que são então naturalizadas, pois se esgotam em seu aspecto físico. Essa perspectiva aproxima-se do multiculturalismo, sobre o qual Skliar (op. cit) faz uma crítica contundente. Afirma que este se reduziria a uma espécie de *etnopluralismo*, que termina por isolar diferentes culturas, como se todos os negros pensassem e vivessem da mesma maneira, todos os indígenas tivessem as mesmas concepções... Para o autor, essa forma de abordar a questão conduz ao discurso da tolerância, que, na realidade, deseja atenuar as diferenças. Realmente, em 16 respostas foi mencionada a necessidade de harmonizar ou trabalhar de forma *normal*, como se as diferenças

precisassem ser esquecidas ou, literalmente, normalizadas, como ficou evidente em algumas respostas em que os educadores diziam não existirem diferenças. Os professores que assim se expressam têm uma concepção negativa sobre a temática. No entanto, as respostas cuja conotação era negativa e considerava a diferença um problema são em número menor do que aquelas que expressam aspectos positivos e de enriquecimento proporcionado pelas diferenças.

Como pensar na escola também como um espaço no qual o sujeito se constitui em relação com o outro, se esse outro é pensado de forma negativa, considerado um problema? Ignora-se a mediação que o outro proporciona na aprendizagem e na elaboração de sentidos, conforme defendem Smolka, Góes e Pino (1998). Em apenas uma resposta o professor se referiu à necessidade de as diferenças não serem ignoradas.

Foram encontradas 10 respostas que relacionavam a diferença a questões culturais. No entanto, na maioria delas não era evidente a concepção de cultura ali expressa. Havia referência à necessidade de as diferenças culturais serem respeitadas, por exemplo, o que difere bastante de pensar a cultura como origem das diferenças.

A temática diferença foi relacionada ao preconceito e discriminação de que podem ser alvo:

Penso que o preconceito sobre as diferenças está presente em toda nossa sociedade. No entanto, tento lidar com ela de forma a conscientizar as pessoas a aceitarem a diferença do outro (professor 13).

Existe, portanto, um olhar atento desses professores em relação às pressões para a padronização.

Entre os professores que relacionam a diferença apenas às formas de aprendizado (ou à dificuldade para fazê-lo), é interessante notar que, quando se trata de escola, mesmo que se pense em diferença, ela é padronizada e refere-se apenas à aprendizagem. É como se os corpos, os afetos, a vida, enfim, não entrassem na escola. No entanto, os seres humanos diferem entre si não apenas em relação à forma como aprendem, mas são, por si sós, singulares.

Em sua maioria após sondagem eu consigo lidar bem, só que este ano com seis alunos não consegui ainda descobrir uma maneira adequada de lidar com esses alunos, apesar de não terem aparentemente nenhuma deficiência, são crianças que apresentam dificuldades fora do normal (professor 28).

As “dificuldades” apresentadas pelo aluno podem estar expressando esse fato, uma vez que a aprendizagem não ocorre da forma que o professor esperava, mesmo reconhecendo que os alunos não apresentam nenhuma deficiência. Pode-se considerar que a homogeneização tornou-se uma realidade nas salas de aula no início deste século, quando Lourenço Filho elabora os “Testes ABC”, destinados a professores, a fim de que pudessem verificar a maturidade dos alunos para a alfabetização e, assim, fossem inseridos na classe específica (MONARCHA, 2001). Patto (2005) descreve que, para Lourenço Filho, a heterogeneidade das classes era uma das maiores dificuldades do

ensino, sendo recomendável o exame mental dos alunos antes de sua matrícula na escola (PATTO, 2005). Essa idéia de medir a prontidão para que se possa ensinar permanece no imaginário do professor, que pensa ser necessária uma classe homogênea, com todos os alunos no mesmo nível:

Em relação às diferenças nunca tive nenhum problema com a sala, mas este ano estou tendo um pouco de dificuldade de trabalhar com a turma que estou atuando, porque está sendo uma sala de multi-seriado (professor 42).

A crença na necessidade de classe homogênea é de tal amplitude que parece que a lembrança da escola anterior aos Testes ABC fica num passado remoto, quase inexistente. É como se os docentes desconhecêssem que houve um tempo em que as salas de aula, chamadas então de escolas, eram um agrupamento de alunos das mais diversas idades e níveis de aprendizado. No entanto, isso não era considerado como dificuldade por parte do professor, que se organizava de forma a atender a todos. Essa forma de organização do trabalho didático não é tão distante assim, podendo ser encontrada em algumas localidades em que a disponibilidade de professores é escassa (ALVES, 2005). A exigência de níveis padronizados de aprendizagem desconsidera os estudos de Vigotski (1998), segundo o qual a mediação de uma criança mais adiantada ou outra pessoa que se encontra em outro nível de aprendizagem pode levar o sujeito a, posteriormente, realizar sozinho tarefas que, naquele momento, ainda não consegue, mas o faz com a mediação de outra pessoa. É esse processo complexo que Vigotski denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal, que pode ser compreendida como um nível de aprendizagem que o sujeito tem potencial para desenvolver. Se hoje a criança faz por imitação ou com auxílio, futuramente realizará por si mesma. Seria interessante questionar, junto a esses professores, que na época eram alunos, como pensam sua própria aprendizagem: se a concebem de forma padronizada, dando-se da mesma maneira com os colegas de sala, ou se segue percursos e ritmos diferentes em cada estudante.

Em um número menor de respostas foram mencionados fatores psicológicos e de personalidade. Em apenas três o próprio professor se coloca, como no depoimento a seguir:

Eu sou diferente de outras pessoas, em termos de pensamento de agir etc. Mas não ligo muito pra essas coisas, porque, de uma forma ou de outra, unidos formaremos um país mais digno e um futuro melhor (professor 48).

Quando o professor diz “mas eu não ligo muito para essas coisas” é possível pensar em “essas coisas” como sendo a imposição para a padronização, para se tornar igual, mesmo percebendo-se como diferente. Considerando o pequeno número de respostas relacionando a diferença também a si mesmo, pode-se considerar que a maior parte dos professores pesquisados relaciona a diferença à alteridade, como propriedade do outro. Ao pensar dessa forma, pode-se dizer, retomando Skliar (op. cit.), que o outro continuará, na escola, destinado àquele único dia de comemoração do ano, ou à última carteira da sala, e a tarefa da educação seria a de fabricar *mesmidades* ou tê-la como modelo, passando uma mensagem de que não é correto ser o que se é.

Em 16 respostas os professores consideram as diferenças não se limitando a um único aspecto, mas a vários fatores. Pode-se considerar que a diferença assim concebida representa um avanço, uma vez que é pensada de forma complexa. Mesmo que em tais respostas o professor não explicita claramente que há uma multiplicidade de aspectos envolvidos na origem das diferenças, o fato de mencionar mais de um dado é considerado positivo. Este professor afirma explicitamente a complexidade envolvida na questão:

Somos todos diferentes, nos mais diversos aspectos, em relação às características psicológicas, físicas, culturais, sociais, econômicas, crenças religiosas; assim, a questão da diferença não é tão simples, é sim, pelo contrário, complexa (professor 37).

Por se tratar de uma questão complexa, é necessário que se dê espaço à discussão sobre o tema nos cursos de formação, considerando suas concepções como ponto de partida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns estudos apontam que a discussão sobre a diferença tem, no Brasil, intenções obscuras ou pouco claras, pois a forma de abordá-la como *diversidade* está calcada em uma base conciliatória um tanto suspeita, pois, muitas vezes, a questão da diversidade busca negar desigualdades transformando-as em pluralidade cultural. No entanto, pensamos que considerar a diferença como relacionada apenas à desigualdade também é um reducionismo.

A questão da diferença está relacionada à singularidade de cada ser humano, que deve ser pensada a partir da constituição do sujeito. Essa constituição, como apontaram os autores citados (SMOLKA; GÓES; PINO, 1998; REGO, 1995), se dá numa relação dialética entre o sujeito e o outro.

Como se depreende do estudo, é pequeno o número de professores que percebem as diferenças num aspecto mais amplo, plurideterminado, complexo e que abrange a si mesmo, não se restringindo a questões raciais ou sócio-econômicas. Em muitos depoimentos ficou evidenciada uma postura contraditória, em que o professor primeiramente afirmava que as diferenças fazem parte da vida e enriquecem a convivência e, posteriormente, quando relata como lida com elas na sala de aula, diz que é preciso tomar cuidado para que as diferenças não prejudiquem os alunos. Ainda há a presença de concepções inatistas, com foco no indivíduo e em fatores individuais, como evidenciado na pesquisa de Rego (op. cit.), mas há maior número de respostas que poderiam ser caracterizadas como ambientalistas (dificuldades familiares, condições sócio-econômicas, cultura). Possivelmente, tais professores estavam tendo contato, na disciplina, com outras discussões, o que, aos poucos, contribuía para modificar alguns de seus conceitos cristalizados. Aponta-se, assim, a necessidade de aprofundamento, por parte dos professores, sobre a questão de como as diferenças se desenvolvem, o que pode ser estudado a partir da reflexão sobre os modos de constituição do sujeito. Corrobora-se o período de formação (especialmente de professores em serviço) como espaço fecundo para tais discussões.

Há que se ressaltar que a maior parte dos professores considera as diferenças em seu aspecto positivo. Não se deve considerar o professor descolado da forma de organização do trabalho que realiza e, principalmente, da sociedade que produz essa forma de organização. As concepções sobre a diferença trazidas pelos professores refletem o momento histórico e a sociedade em que esses docentes vivem, sociedade esta que traz em si a necessidade de padronização dos indivíduos. Essa necessidade também é exigida na escola e, muitas vezes, é a Psicologia que justifica tal necessidade.

A relação entre Psicologia e Educação foi marcada pela influência positivista e pragmatista em ambas (cf. GONZÁLEZ REY, 1999). Essas abordagens pensavam na educação como forma de adaptação, atribuindo as diferenças a uma suposta natureza humana, que trazia, como consequência, que os fracassos fossem individualmente responsabilizados. Pensar a diferença e singularidade humana como se constituindo numa relação dialética com a cultura é buscar também o papel da escola como parte dessa cultura e, portanto, como co-responsável pela constituição do aluno, em especial, como ser em formação, mas também do professor e das pessoas que convivem nesse espaço. Trata-se de um processo de aprender a conviver e se relacionar com o outro.

Continuo pensando que para falar de mudanças na educação é necessário, primeiro, um profundo silêncio, uma longa espera, uma estética não tão pulcra, uma ética mais desalinhada, deixar-se vibrar pelo outro mais do que pretender multiculturalizá-lo, abandonar a *homodidática* para *heterorrelacionar-se* (SKLIAR, 2003, p. 20).

É importante levar o professor a pensar sobre a constituição do sujeito em sua singularidade e pluralidade, inserido no contexto concreto de sua cultura. Considera-se que assim a Psicologia estará auxiliando a pensar as diferenças e colaborando para que a Educação possa iniciar o processo de elaboração de uma didática da alteridade e do relacionar-se com o outro. É possível que, assim, a Psicologia contribua para abreviar essa longa espera a que Skliar (op. cit.) se refere.

Notas

1. UFMS – Campus Universitário de Aquidauana – Curso de Pedagogia – Programa Interinstitucional de Formação de Professores em Serviço – PIFPS. O curso foi realizado nos anos de 2002-2005 – envolvendo professores através de convênios com as prefeituras dos municípios de Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos de Buriti, Nioaque, Bodoquena e Corumbá. O oferecimento do curso tem relação com a exigência da Lei n. 9.394/1996, de formação mínima de graduação em curso superior para atuar no magistério.

Referências

- ALVES, Gilberto Luiz. *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____ (Org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13-37.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. La cuestión de la subjetividad en un marco histórico-cultural. *Doxa – Revista Paulista de Psicologia e Educação*. Araraquara, v. 4, n. 1, p. 86-118, 1998.
- _____. Psicologia e educação: desafios e projeções. In: RAYS, O. A. (Org.). *Trabalho pedagógico: realidade e perspectivas*. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 102-117.
- _____. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. Trad.: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho e a organização da psicologia aplicada à educação*: São Paulo, 1922-1933. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 15 ago. 2006.
- PATTO, Maria Helena Souza. *Exercícios de indignação: escritos de educação e psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- REGO, Teresa Cristina. A origem da singularidade humana na visão dos educadores. *Cadernos Cedes – Antropologia e Educação Interfaces do Ensino e da Pesquisa*, Campinas, v. 20, n. 35, p. 79-93, 1995.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Trad.: Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SMOLKA, Ana Luísa B.; GÓES, Maria Cecília R.; PINO, Angel A. A constituição do sujeito: uma questão recorrente? In: WERTSCH, James V. et al. *Estudos socioculturais da mente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 143-158.
- VIGOTSKI, Liev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Teachers think about – and make – a difference

Abstract

This article is a report of a research whose objective was to make evident the conceptions of teachers about difference, how they perceive the relationship between differences and school, as well as the way through which they deal with differences. The teachers responded to the question: What do you think about differences and how do you deal with them? To study the responses, content analysis was used. The theoretical framework adopted to think about difference was the historical-cultural approach of culture in Psychology, whose conception of subject is outlined by the appropriation of culture in the educational process. According to these teachers, difference is related to racial, physical, economic, social, cultural differences as well as differences in learning rhythms. The category "Respect" was the most cited attitude as a way of dealing with differences. The presence of contradictory responses seems to indicate a crystallized view about difference or an incipient level of reflection on the subject.

Keywords: *Difference. Teachers. Teaching practice. Conceptions.*

Maîtres pensent – et font – la différence

Résumé

Cet article est un rapport de recherche dont l'objectif est de mettre en évidence les conceptions des maîtres sur la différence, comment ils perçoivent la relation entre les différences et l'école, bien comme la forme par laquelle ils traitent les différences. Les maîtres ont répondu à la question : Que pensez-vous au sujet des différences et comment les traitez-vous ? Pour étudier les réponses, l'analyse de contenu a été utilisée. Le référentiel théorique adopté pour penser la différence a été l'approche historique-culturelle de la Psychologie, dont la conception de sujet se configure par l'appropriation de la culture dans le processus éducatif. Pour ces maîtres, la différence a relation à des questions raciales, physiques, économiques, sociales, culturelles et à des différences de rythmes d'apprentissage. La catégorie « Respect » a été l'attitude la plus citée comme forme de traiter les différences. La présence de réponses contradictoires paraît indiquer une vision cristallisée au sujet de la différence ou un niveau initial de réflexion sur le sujet.

Mots clefs : *Différence. Maîtres. Pratique pédagogique. Conceptions.*

Profesores piensan – y hacen – la diferencia

Resumen

Este artículo es un relato de pesquisa cuyo objetivo es evidenciar las concepciones de profesores acerca de la diferencia, como perciben la relación entre las diferencias y la escuela, bien como la forma con que lidan con las diferencias. Los profesores respondieron a la cuestión: ¿qué piensas acerca de las diferencias y cómo lidan con ellas? Para el estudio de las respuestas fue utilizado el análisis de contenido. El referencial teórico adoptado para pensar la diferencia fue el abordaje histórico-cultural de la psicología, cuya concepción de sujeto se configura por la apropiación de la cultura en el proceso educativo. Para esos profesores, la diferencia está relacionada a cuestiones raciales, físicas, económicas, sociales, culturales y diferencias en ritmos de aprendizaje. La categoría "respeto" fue la actitud más citada como forma de lidiar con las diferencias. La presencia de respuestas contradictorias parece indicar una visión cristalizada acerca de la diferencia o un nivel incipiente de reflexión acerca del asunto.

Palabras-clave: *Diferencia. Profesores. Práctica pedagógica. Concepciones.*

Recebido: 10.08.2008

Aceito: 11.03.2008